Depoimentos que contam a História da **criação** do

CTAv

Affonso Beato

Aloísio Gonzaga

Ana Pessoa

Carlos Augusto Calil

César Elias

Edwaldo Mayrink

Heloísa Vilela

Marcos Magalhães

Osvaldo Emery

Pedro Jorge de Castro

Roberto Farias

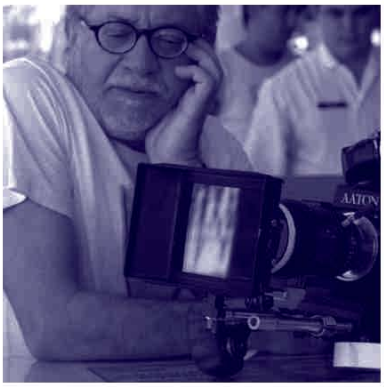
Roberto Leite

Vera Zaverucha

Walter Carvalho

Vladimir Carvalho

Uma troca de correspondências entre os de Castro, em novembro de 2006, por Brasileiro, motivou e deu a pauta para participação no evento de sete filmes estenderam a conversa sobre as origens e instituição na década de 1980. Datas,



de um e outro se Walter, irônico e bem carta a Pedro Jorge, dizendo: que só conseguimos contar nossas absolutamente normal, não é verdade?" que vocês lerão nas páginas seguintes é a que começa a ser montado por um coletivo estiveram envolvidas nesse processo. É por certo, serão acrescidas muitas outras

cineastas Walter Carvalho e Pedro Jorge ocasião do 39º Festival Brasília do Cinema esta matéria. Ao comentarem o sucesso da apoiados pelo CTAv, os dois cineastas o processo de implantação dessa nomes e fatos foram relembrados. A versão complementavam, mas humorado, encerrou sua "Chegamos a uma idade em

histórias num contexto coletivo, o que é A(s) história(s) sobre a criação do CTAv "contação" de muitas histórias, um mosaico de pessoas que, direta ou indiretamente, um copião, uma primeira versão, à qual, cenas, fatos e personagens.

Saber do sucesso das ações do CTAv é como ouvir ao longe o barulho de um trovão que se aproxima. No início dos anos 80 eu criei e coordenei o projeto "Mão de obra especializada para cinema" na CAPES/MEC que concedeu bolsas para técnicos de cinema que foram para vários centros de excelência no mundo todo.

Marcos Magalhães foi para o National Film Board - Canadá; Chico Moreira e Fernando Scavone para o National Film Archiv - Alemanha Oriental; Antonio Moreno, para a Polônia, Silvio Da-Rin, para a Nagra Kudelski, Suíça; Jorge Veras, para a Arriflex, na Alemanha; David Penningthon e o Ubirajara, para Los Angeles, e posso ter esquecido alguém.

Deste envolvimento com o Canadá, onde entrou a Embaixada do Canadá/CAPES e a EMBRAFILME, nasceu o encaminhamento desta colaboração do Canadá com o CTAv. Foi tudo muito proveitoso.

Pedro Jorge de Castro

24 Pedro Jorge de Castro estudou cinema e televisão na Itália. Pós-doutor pela Universidade de Roma, foi professor da Universidade de Brasília durante 28 anos. Diretor dos curtas *Chico da Silva, Boca de Forno, Em memória de Dona Maria I, Brinquedo Popular do Nordeste, De sol a sol, O homem que ensinou a Voar*, e dos longas-metragens *Tigipió –Uma História de Amor e Honra ,A última Utopia e O Calor da Pele.*

Lendo sua mensagem sobre o CTAv, achei muito interessante e, por conta disso, aflorou do fundo da memória lembranças que resolvi comentar contigo.

Você citou vários nomes, mas esqueceu, involuntariamente, é claro, de falar da nossa participação. Fomos nós dois que viajamos por várias cidades fazendo entrevistas com os candidatos, lembra?

Naquela época eu estava à frente da DITEC - Divisão de Apoio Tecnológico da EMBRAFILME, convidado para dirigir e desenvolver projetos da área de tecnologia do cinema brasileiro, por um dos maiores nomes do nosso cinema, Carlos Augusto Calil, então diretor da empresa.

A DITEC foi o embrião do CTAv, inclusive, nessa época, o Centro Técnico da Av. Brasil, não existia, nem física e nem filosoficamente. A DITEC foi a divisão responsável na EMBRAFILME na celebração do convênio com a CAPES/MEC.

Por iniciativa do Calil, juntamente com Jorge Peregrino (setor internacional da EMBRAFILME), viajei para fazer contatos com empresas na Europa e EUA: Photokina, na Alemanha; a Kudelski, Arriflex, nos EUA; e com o NFB, no Canadá. O objetivo era de abrir portas para os nossos técnicos/artistas, que seriam selecionados por nós para estagiar em empresas estrangeiras de cinema.

Lembro de mais dois nomes: José Tavares de Barros e o Luiz Gonzaga de Oliveira, e se não me falha a memória, os nomes de Luiz Carlos Velho e Noni Geiger, para área de animação, mas foi numa segunda leva que eles viajaram para estudar fora.

Como você mesmo mencionou podemos estar esquecendo de mais nomes. Chegamos a uma certa idade que só conseguimos contar nossas histórias num contexto coletivo, o que é absolutamente normal, não é verdade?

[Walter Carvalho é fotógrafo, diretor de fotografia e cineasta. Detentor de dezenas de prêmios no Brasil e no exterior, trabalhou na EMBRAFILME na década de 1980]

Walter Carvalho

Walter Carvalho e a ocupação do prédio CTAv

Em 1977, fui convidado para trabalhar na Diretoria de Operações Não-Comerciais da EMBRAFILME. Integrava uma equipe (SRTV - ver box) formada por Almir Muniz, José Mariane, Nonato Estrela, Tininho Fonseca e a Tizuka Yamazaki.

Fazíamos reportagens – *making of* com diretores, atores e técnicos de filmes que estavam em produção e/ou prontos para lançamento- que eram exibidas em dois programas da TVE: *Coisas Nossas*, dirigido pelo Luiz Sarmento e *Cinemateca*, dirigido pelo Luiz Gleiser e Martha Alencar.

SRTV

No período de 1976 a 1980, o Setor de Rádio e Televisão (SRTV) da Embrafilme produziu aproximadamente 500 gravações com reportagens abordando o amplo universo da efervescente atividade cinematográfica no país nessa época. Iniciadas em 1976, as gravações foram mais constantes e regulares nos três anos seguintes, e se encerram em 1980, já com um número bastante restrito e inconstante de filmagens.

São depoimentos de cineastas, produtores, atores, pesquisadores, técnicos e making-of de vários filmes, além de registros de festivais e jornadas de cinema (Brasília, Gramado e Salvador). Essas gravações, depois de editadas, eram veiculadas nos programas Coisas Nossas e Cinemateca, exibidos pela TVE - RJ.

Todo esse material foi produzido em filme 16 mm, colorido, reversível e com som magnético aplicado à película. O acervo SRTV, hoje sob a guarda do CTAv, é composto por cerca de 650 latas, sendo 500 de rolos com 120 m, com 10 minutos de gravações, e as demais 150 latas com 600 m e 60 minutos de gravações.

A gente filmava 25 latas por mês, às vezes mais, porque tínhamos trabalho extra, isso durante quase cinco anos. Você imagina, então, quantas matérias e entrevistas foram feitas?

Quando esses programas saíram do ar, o Carlos Augusto Calil, então diretor da EMBRAFILME, me convidou para fazer um trabalho mais relacionado à tecnologia, na recém-criada Divisão de Apoio Tecnológico (DITEC), onde eu comecei a desenvolver programas vinculados à área de som e imagem, de câmera, película e adequação de salas de projeção.

Por essa época, o Calil - um visionário e uma das melhores cabeças do cinema brasileiro - descobriu um prédio desativado do Ministério da Educação na Avenida Brasil, que tinha funcionado como depósito de merenda escolar. Mas além da EMBRAFILME, o MOBRAL também queria aquele espaço. Iniciou-se, então, uma disputa de interesses pela posse do prédio. O nosso era para se construir um Centro Técnico, com uma sala de projeção padrão e um estúdio de finalização de som.

Nessa disputa pelo espaço do atual CTAv, surgiu na cabeça do Calil a seguinte idéia: ocupar imediatamente o espaço, porque uma vez ocupado, nós seriamos donos.

E foi assim que aconteceu: numa sexta-feira, carregamos um caminhão e levamos para lá mesas, latas de filmes vazias e com copiões de filmes que já tinham sido lançados. Contratamos um vigia de uma empresa de segurança para tomar conta daquilo. Foi uma forma de ocupar um território como hoje faz, e muito bem, o movimento dos "sem-terra". A gente era do movimento dos "sem-cinema".

A área desse prédio ficava no meio da favela Parque Alegria. Eram dois galpões imensos e abandonados. Na noite desse mesmo dia, os habitantes da favela ao verem que alguém estava tomando posse do terreno, resolveram, eles, também, invadir.

Renderam e agrediram o segurança, levaram sua arma e roupas, as latas com os filmes e quase tudo que tínhamos levado na véspera.

Esse episódio teve repercussões além da área policial. Uma semana depois, a EMBRAFILME, por vias jurídicas retomou o terreno e deu início ao projeto de criação do futuro CTAv.

Roberto Farias e o avô do CTAv

Minha relação com o CTAv tem mais de 50 anos. Vem dos tempos do "avô" do CTAv, que vem a ser o Instituto Nacional do Cinema Educativo. Eu ainda muito jovem ia ao INCE, na Praça da República, aprender a mexer nos projetores, conversar com o Humberto Mauro e com toda a equipe por ele dirigida.

Humberto Mauro era uma pessoa muito afável, só faltava colocar a gente no colo. Apesar de ser uma pessoa muito aberta, a gente o via como um mito, uma pessoa com quem não se conversava à toa. E ele se colocou à minha disposição, para eu aprender o que eu quisesse. O primeiro filme do meu tio, Watson Macedo, *Fogo na roupa*, foi editado na moviola do INCE. A gente ia para lá para editar, depois comia ali perto, almoçávamos todo mundo junto, bons tempos.

A EMBRAFILME herdou o INCE, que passou a ser uma parte da Diretoria de Operações Não-Comerciais. E foi por causa desse carinho com que me trataram quando eu ainda era garoto e iniciava meu trabalho no cinema, que sempre tive muito carinho e amor pelo INCE/CTAv. Era uma das minhas prioridades quando eu estava na presidência da EMBRAFILME, já que eu via o CTAv como um organismo público criado com muito esforço e desejo de servir ao cinema brasileiro, com essa vontade de termos a melhor tecnologia para oferecer ao cinema brasileiro. Depois do acordo com o Brasil e o Canadá, o CTAv passou a ter, à época, uma tecnologia de som muito mais avançada.

Depois de muitos anos, só o observando de longe, retornei ao CTAv para transpor para DVD um dos meus filmes preferidos, que é *O assalto ao trem pagador*. Essa produção me encheu de orgulho por ter feito um filme à altura do CTAv, por ele conservar e preservar a memória do cinema brasileiro. *O Assalto ao trem pagador* estava precisando mesmo de um carinho a mais, de uma dedicação para recuperar o negativo para se eternizar em DVD. Eu me lembro do lançamento do DVD em Brasília, depois no Rio e do sucesso que ele fez em Gramado.

O DVD ganhou uma outra dimensão, porque além da equipe original que fez o filme, uma outra, anos depois, foi acrescentada, a equipe do CTAv, que trabalhou muito, que fez um trabalho muito bonito, mudando até umas características da programação visual do filme, na capa do DVD. Isso me deixou muito feliz e eu espero que o CTAV tenha a vida muito longa, sempre com esse amor ao cinema que eu vejo em toda aquela equipe de profissionais.

Roberto Farias, fundou, em 1965, com o grupo Cinema Novo, a DIFILME, uma distribuidora independente de filmes. Foi diretor-geral da EMBRAFILME, de 1974 a1979, e presidente do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica. Diretor de O assalto ao trem pagador (1962), Pra frente, Brasil (1982), entre dezenas de outros filmes, é detentor de várias prêmios no Brasil e no exterior.

Roberto Farias e Grande Otelo nas filmagens de O assalto ao trem pagador
Direção: Roberto Farias

Marcos Magalhães, a câmera Oxberry e a criação do núcleo de animação

A partir do meu retorno do NFB, em 1982, teve início uma relação mais permanente entre Brasil e Canadá, entre a EMBRAFILME e o NFB, no campo da animação.

Em 1985, já com o acordo assinado, começaram as obras em um prédio, na Avenida Brasil. Era um galpão desativado do Ministério da Educação, onde antes se guardava e distribuía a merenda escolar.

As pessoas envolvidas na ação começaram a pensar como seria aquele espaço, como seria um estúdio de animação. Como me graduei em Arquitetura, dei palpites desde a disposição das mesas até a organização do estúdio de animação. Foi um trabalho intenso, bem idealizado. Um período muito estimulante e rico.

Era o primeiro estúdio de animação no Brasil, onde as pessoas poderiam fazer seus próprios filmes. E por influência da metodologia do NFB, nós tínhamos a preocupação de que esse projeto não ficasse restrito ao Rio de Janeiro e São Paulo.

Quatro câmeras de animação seriam utilizadas no projeto de formação dos animadores, e depois seriam disponibilizadas para o resto do Brasil. Essas câmeras de animação - na época, registrar uma animação em película, tanto em 35mm ou em 16mm, era muito difícil - eram o coração do núcleo. Mas um dos nossos objetivos era ter uma câmera super-profissional, uma Oxberry, e para nossa grande surpresa essa câmera já estava no Rio de Janeiro, por uma ironia do período da ditadura militar.

Nas cercanias do CTAv, em Benfica, num prédio desativado do Ministério da Agricultura, existia um setor que se chamava Cinema Rural. Provavelmente algum coronel resolveu criar um estúdio de animação e a primeira coisa com que ele se preocupou, foi em comprar a melhor câmera do mundo, que foi instalada no Cinema Rural de forma improvisada e desalinhada por um mecânico de automóvel e por isso mesmo, nunca tinha sido utilizada.

Nós conseguimos recuperar essa câmera e trazê-la para o CTAv. Um técnico contratado pelo Canadá colocou-a em funcionamento junto com os computadores. A aplicação de computadores na filmagem de animação se tornou uma nova tecnologia, inédita na época. Essa Oxberry fez pulsar o coração e deu início a história da animação no CTAv.

A criação do núcleo de animação no CTAv

Queríamos criar um núcleo de animação com propostas de promover a integração nacional por meio do cinema, fornecendo meios de produção para regiões diferentes do país. Nessa intenção, propus a EMBRAFILME realizar uma viagem pelo Brasil, mapeando todas as capitais onde houvesse alguém fazendo cinema de animação ou cinema experimental. Assim, estive em várias cidades realizando palestras, mostrando filmes do Norman Mclaren e filmes brasileiros.

Apresentava os projetos da EMBRAFILME e do NFB, convidando as pessoas a apresentarem seus portfolios. Foi dessa maneira que conseguimos reunir dez animadores de diversas regiões do Brasil e começamos a trabalhar juntos no Rio de Janeiro. Esse grupo pioneiro foi ampliado pelos técnicos brasileiros, que foram retornando do estágio no NFB, qualificados especificamente em áreas técnicas de animação, câmeras e manutenção de câmeras de animação. Formou-se, então, uma equipe.

Em 1985, o estúdio do CTAv já estava pronto para atender a todo o cinema brasileiro. Era um super-estúdio de mixagem, um dos melhores do Brasil.

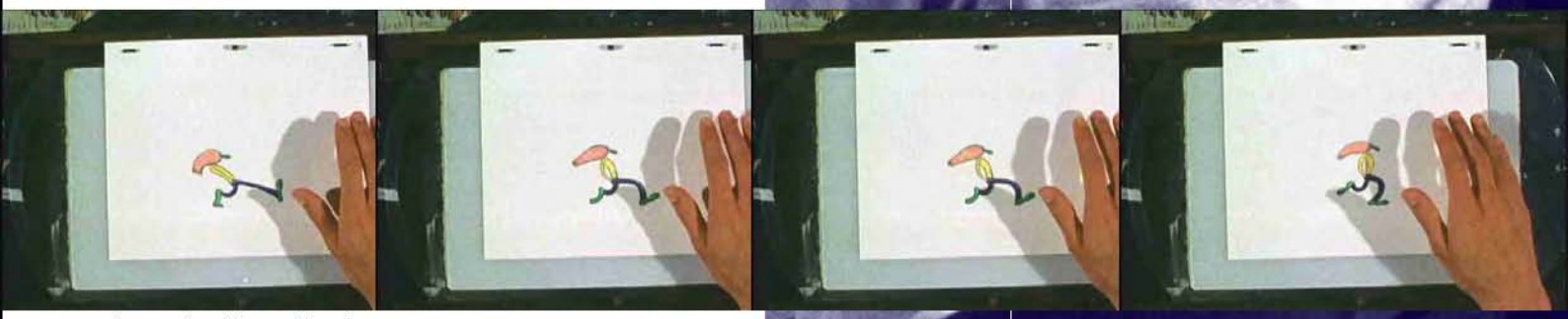
O CTAv continuou com o projeto da maneira que foi possível, já que não podemos ignorar os problemas de um país que ainda está desenvolvendo sua identidade audiovisual. Havia até uma preocupação em denominar o local em Centro Técnico Audiovisual. O audiovisual era uma palavra nova, tanto que o "v", aparece em letra minúscula. O nome seria CTA, mas colocamos o "v" para marcar essa nova identidade.

Animando - Marcos Magalhães

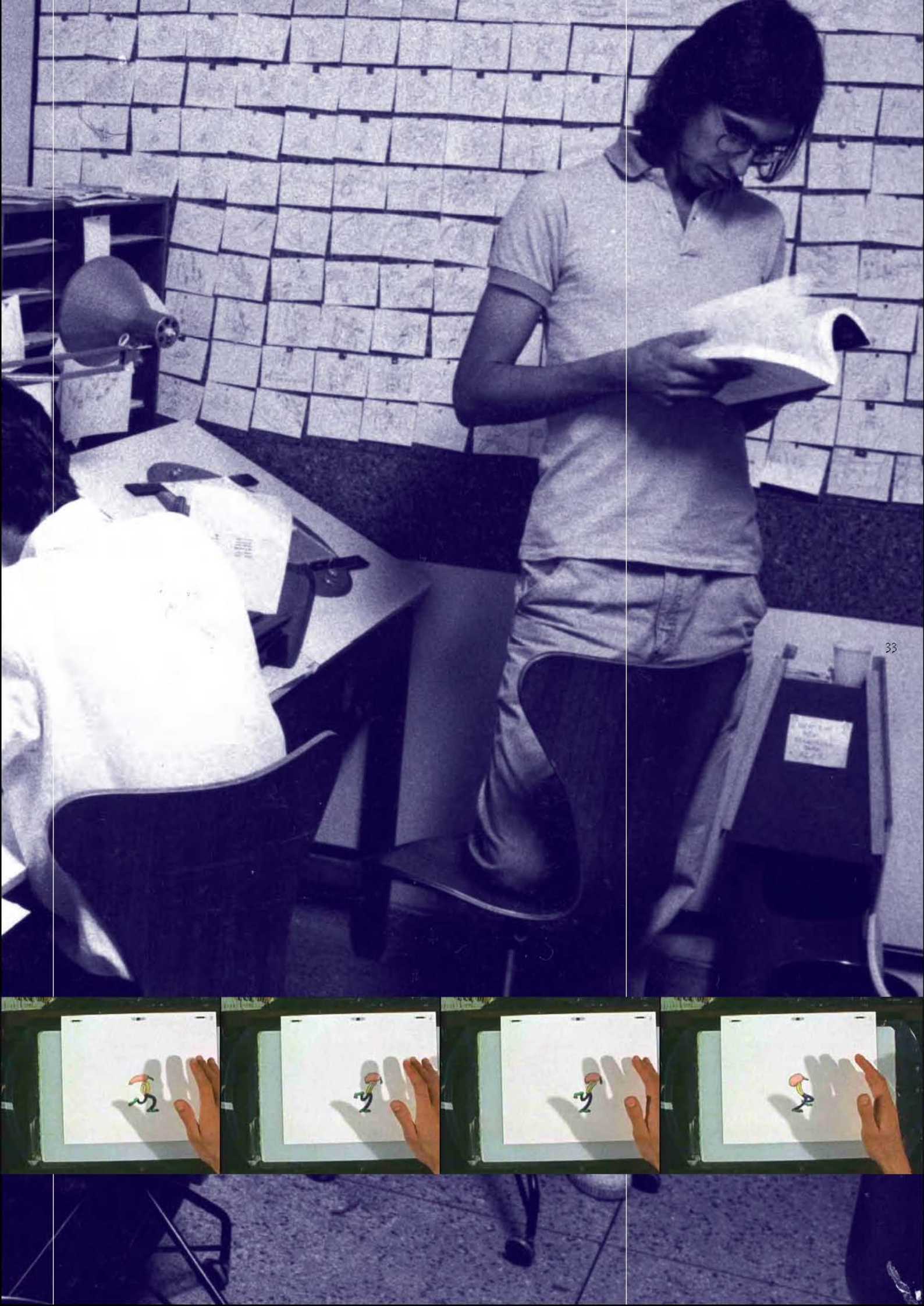
O CTAv passou por várias mudanças durante as transições de governo, mas quem lá trabalhou fez um grande serviço pela cultura, pelo audiovisual no Brasil.

É um centro de resistência, um centro que sempre esteve aberto para os realizadores independentes. É necessário que a instituição tenha um renascimento e é bom pensarmos que isso pode acontecer.

[Marcos Magalhães, é o autor de "Meow!" (Prêmio do Júri em Cannes), "Animando" (filmado no NFB), "Dois" (produzido na USC em Los Angeles) entre dezenas de outras animações. Foi responsável pela implantação do Núcleo de Animação do CTAv (1985-87), o primeiro centro de formação profissional em animação no Brasil. É um dos criadores e diretores do Festival Internacional de Animação ANIMA MUNDI.



Animando - Marcos Magalhães



A parceria do Brasil com o Canadá, na década de 1970, no projeto do satélite BrasilSat possibilitou o surgimento de outras iniciativas, dentre elas a criação de um centro técnico audiovisual. O Carlos Augusto Calil, então diretor da EMBRAFILME, vislumbrou, no âmbito dessa parceria, um projeto audiovisual de desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia cinematográfica, cujo objetivo era de criar um núcleo de animação e um núcleo de tecnologia para cinema.

Naquele momento, o Canadá era o país ideal para esse projeto, pois lá existia um centro de excelência em animação: o National Film Board (NFB). Alguns prédios foram cogitados para as instalações. Houve, até mesmo, uma disputa entre instituições do governo. A COCEA, responsável pela merenda escolar, acabou sendo desativada e por interferência do Calil, o governo cedeu o lugar para a EMBRAFILME. Criou-se, então, o Centro Técnico Audiovisual da EMBRAFILME.

A seleção de brasileiros para se habilitarem tecnicamente e aprenderem novas tecnologias durante um ano no National Film Board, foi feita por edital. Técnicos do Rio de Janeiro, São Paulo e de outros estados inscritos foram entrevistados pelo superintendente da EMBRAFILME, Affonso Beato, e pelo diretor técnico do NFB, Guy Dufresne.

Eles selecionaram cinco pessoas, dentre elas: eu, Ismael Cordeiro, que reside atualmente no Canadá; Luiz Lima, Marcelo Marsilac, Paulo Jacinto dos Reis e Edwaldo Mayrinck. Nós ficamos conhecidos como os *golden boys*, pois além de ganharmos uma bolsa de estudo, fomos contratados pela EMBRAFILME.

Cada um de nós foi representando uma área: área de som, de animação, de fotografia, de câmera. Fomos captar informações tecnológicas que pudessem ser processadas e aplicadas no Brasil

Na época, o NFB era a maior, talvez a maior do mundo, instituição governamental que dava atenção às questões de cinema, principalmente para a área de animação. Um local equipado com enormes estúdios. O orçamento anual era de aproximadamente oitenta milhões de dólares para prover, exatamente, ações institucionais que englobavam produção e subsídio a filmes; ajuda técnica, tecnológica - tudo que o governo brasileiro almejava para o CTAv. Foi um projeto espetacular, realmente sensacional. Para mim e para os outros contemplados com o convênio, houve um crescimento de vida, independente de qualquer coisa, um crescimento de vida fantástico.

Quando retornamos ao Brasil, as obras do local onde seria o CTAv já estavam bastante adiantadas.As plantas executadas, alguns muros e paredes construídas. Nós presenciamos a colocação de tapetes, de equipamentos de estúdio para tratamento acústico, da truca, tudo com o cuidado necessário.

Depois de um ano e meio, as obras se encerraram e o CTAv começou a funcionar, mas surgiram algumas polêmicas, dentre elas, uma possível competição do CTAv com estúdios privados. Mas essa questão, logo foi superada.

Ações pioneiras do CTAV

No Brasil, até então, não existia uma norma técnica para salas de exibição de cinema. Então, criou-se um grupo de trabalho para escrever as normas técnicas de cinema, elaboradas pelos funcionários do CTAv com a ajuda da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Outro marco foi o desenvolvimento do cinema de animação. Marcos Magalhães, Aída Moraes, César Coelho, entre outros, foram do núcleo de animação do CTAv, e hoje são profissionais de alto nível na área de animação. Foram eles que criaram o *ANIMA MUNDI*, um festival de animação internacionalmente reconhecido, e que é fruto do CTAv.

O arquivo de filmes foi todo construído seguindo os padrões internacionais, como umidade adequada, porta corta-fogo, entre outros itens. Isso mais tarde veio a contribuir para que uma série de filmes nacionais esteja preservada, parte na Cinemateca Brasileira e outra no CTAv, porque, até então, não havia um lugar para se guardar os rolos de negativo.

No período em que eu era coordenador de tecnologia do CTAV, a equipe de funcionários montou uma sala em que se fazia manutenção de câmeras para cinema. Isso fez com que pessoas interessadas levassem câmeras para que fizéssemos avaliação técnica, ou até mesmo, consertos.

Além disso, vários filmes de várias bitolas passaram a ser mixados no CTAv com equipamentos que nós trouxemos do Canadá e instalamos no estúdio em que criamos. Até hoje, muita gente quer finalizar filme no CTAv, a qualidade é boa, o estúdio está à disposição com equipamentos novos.

A contribuição do CTAv no sentido de apoiar cineastas que começaram com curtas-metragens e que hoje fazem longas, foi algo de suma importância. Além disso, o apoio a festivais em outras regiões, com premiação e a parceria com as universidades, é um incentivo fundamental do CTAV à produção cinematográfica.

César Elias, diretor de fotografia, foi coordenador técnico do CTAv

Edwaldo Mayrink

A QUALIDADE DO SOM

No início de 1985, eu já era engenheiro, mas estava cursando Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF). Um diretor da EMBRAFILME, convidado pelo curso para realizar uma palestra, falou, então, sobre a proposta de criação do CTAv. Fiquei muito interessado no projeto, pois já realizava estudos e projetos na área de som.

Meses depois, em agosto de 1985, foi lançado o edital para seleção de técnicos para cursos de especialização no National Film Board (NFB). Fiz a minha inscrição e fui selecionado para uma entrevista/sabatina com o então superintendente da EMBRAFILME, Affonso Beato e o diretor-técnico do NFB, Guy Dufresne. Ao fim desse processo, seis pessoas foram escolhidas: eu, César Elias, Ismael Cordeiro, Luiz Lima, Marcelo Marsilac e o Paulo Jacinto. Em outubro fomos para lá.

Foram nove meses de treinamento no NFB, cada um na sua especialização: Paulo Jacinto, controle/qualidade de imagem; Luiz Lima, mixagem; Ismael, captação de som; Marcelo, câmera de animação; César Elias, manutenção de câmera. Minha área de especialização foi técnica de som, estúdio, console, magnético perfurado, gravador Nagra e outras tecnologias empregadas na época.

Mas durante o período do meu treinamento, desenvolvendo e desenhando os circuitos, também fui incumbido de supervisionar a compra de equipamentos para os dois estúdios no CTAv. Inicialmente o de mixagem; depois, o estúdio de gravação/dublagem, que não constava no projeto original do acordo com o NFB.

Visitei fábricas em Nova York e Toronto para examinar os equipamentos que estavam sendo produzidos. Quando eles foram entregues ao NFB, fizemos todos os testes, e demos um "ok!", para que eles, finalmente, fossem enviados ao Brasil. E eles chegaram quando ainda estávamos no Canadá.

Quando regressei, em novembro de 1986, os equipamentos, em parte, já estavam aqui, faltando poucas coisas, como as peças sobressalentes para reposição. Tinha convencido os técnicos de lá sobre a necessidade da manutenção, de termos no Brasil um conjunto de peças para reposição. Por isso, junto com as máquinas, vieram essas peças que foram muito úteis, por muitos anos, na manutenção e funcionamento dos equipamentos. Ainda em 1986, iniciei a montagem do estúdio de mixagem, finalizado a parte de acústica.

O estúdio só começou a funcionar com toda a sua capacidade em março de 1987. Quem operava o estúdio era o Luiz Lima, mas, logo, o Roberto Leite também foi contratado pelo CTAv. Os dois ficaram responsáveis pela mixagem, e eu, pela manutenção, instalação e treinamento de pessoal mais ligado à área de engenharia. A equipe era grande nessa época, mas eu também fazia transcrição, gravação, acompanhava as mixagens, como assistente do Roberto Leite.

O padrão técnico implantado pelo CTAv, causou, de fato, muito ciúme do mercado. Era um estúdio que primava pela manutenção de rígidos padrões técnicos. Por certo, não era um equipamento de ponta, com pré-amplificadores especiais, como tinha o George Lucas e outros estúdios de Hollywood. Era um equipamento *standard*, mas dentro das exigências tecnológicas e do padrão da indústria cinematográfica internacional. E isso foi uma novidade no cinema brasileiro

Tivemos, então, uma questão: uma polêmica. A crítica era a de que sendo ele um órgão público, fazia uma concorrência desleal, ao prestar serviços de forma gratuita em regime de co-produção.

O CTAv se fixou exclusivamente no apoio ao curta-metragem de caráter não-comercial, de natureza cultural, tradição herdada do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). A mixagem de longas, só foi feita na época do governo Collor, quando a produção de cinema teve aquela queda total e nós entramos apoiando, um "pronto-socorro" de filmes que não tinham recursos para finalização.

O CTAv deu um padrão de qualidade tecnológica ao cinema brasileiro, influenciando e provocando mudanças e maiores cuidados nos padrões técnicos em todos laboratórios. Democratizou e disseminou conhecimentos. A lamentar, é que depois dessa arrancada dos primeiros anos, faltou continuidade nos investimentos. De 1987 a 1997, ficamos com o mesmo aparato técnico sonoro (monofônico). O Dolby digital só foi instalado aqui, em 1997. Esse *gap* técnico atrapalhou muito. Mas, de toda forma, o CTAv continua sendo uma referência.

Edwaldo Mayrinck, engenheiro de som, é funcionário do CTAv desde 1985.

Eu venho desde o tempo da primeira fase pré-implantação do CTAv. No início dos anos 1980, lembro de me encontrar na Praça da República, onde funcionou o INCE e o INC, com Mário Murakami, que calculava, ajustava os preços do dólar ao cruzeiro, dos equipamentos que chegariam do Canadá para o CTAv. O Carlos Augusto Kalil, então diretor da EMBRAFILME, se empenhava e aquilo tudo nos alvoroçava, pela possibilidade de se instalar equipamentos que poderiam servir ao cinema brasileiro, e nós, que militávamos, digamos assim, na produção independente, iríamos contar com aquele apoio.

Ainda na década de 1980, lembro que os cineastas, especialmente dedicados ao documentário, cinema de teor cultura, sempre estimaram, sempre batalharam, pela criação de um centro que atendesse ao pessoal independente com equipamentos, serviços etc. A existência do CTAv foi fundamental na produção dos meus filmes, dos meus documentários.

Até hoje, desde os meus primeiros longas-metragens, me lembro de ter trabalhado com essa saudosa figura que é o Zequinha Mauro, com aquele humor maravilhoso, sempre animado, sempre gozador. Uma figura fantástica, e sendo um homem de mais idade do que a gente, ele nos apontava caminhos, nos assistia sem nenhum cansaço, sempre disposto a colaborar.

A estrutura criada no CTAv, por mais que não tenha sido completa - e não seja inteiramente *up to date* com a grande revolução tecnológica-, foi e continua fundamental para o avanço do cinema independente no Brasil. O CTAv é uma escola e presta um apoio inestimável para quem faz cinema no Brasil, de Norte a Sul, a quem faz cinema regional, para todos os núcleos que se foram e estão sendo criados nesse Brasil cinematográfico.

Na realização de meu filme *Barra 68*, fiz no CTAv, os títulos e os créditos. Mais recentemente, em 2006, fiz a mixagem do meu último longa-metragem, *O engenho de Zé Lins*. O CTAv não pode ser descartado da história do cinema brasileiro. Ele significou um avanço e ainda é com ele que contamos para realizar o nosso cinema.

Vladimir Carvalho, cineasta, professor da Universidade de Brasília. Com João Ramiro Mello e Linduarte Noronha, deu início ao ciclo de cinema paraibano, no final da década de 1950, no qual despontou o clássico *Aruanda*, de que foi roteirista. É autor, entre dezenas de outros, de *O país de São Saruê, O homem de areia, O evangelho segundo Teotônio e Conterrâneos velhos de guerra*.

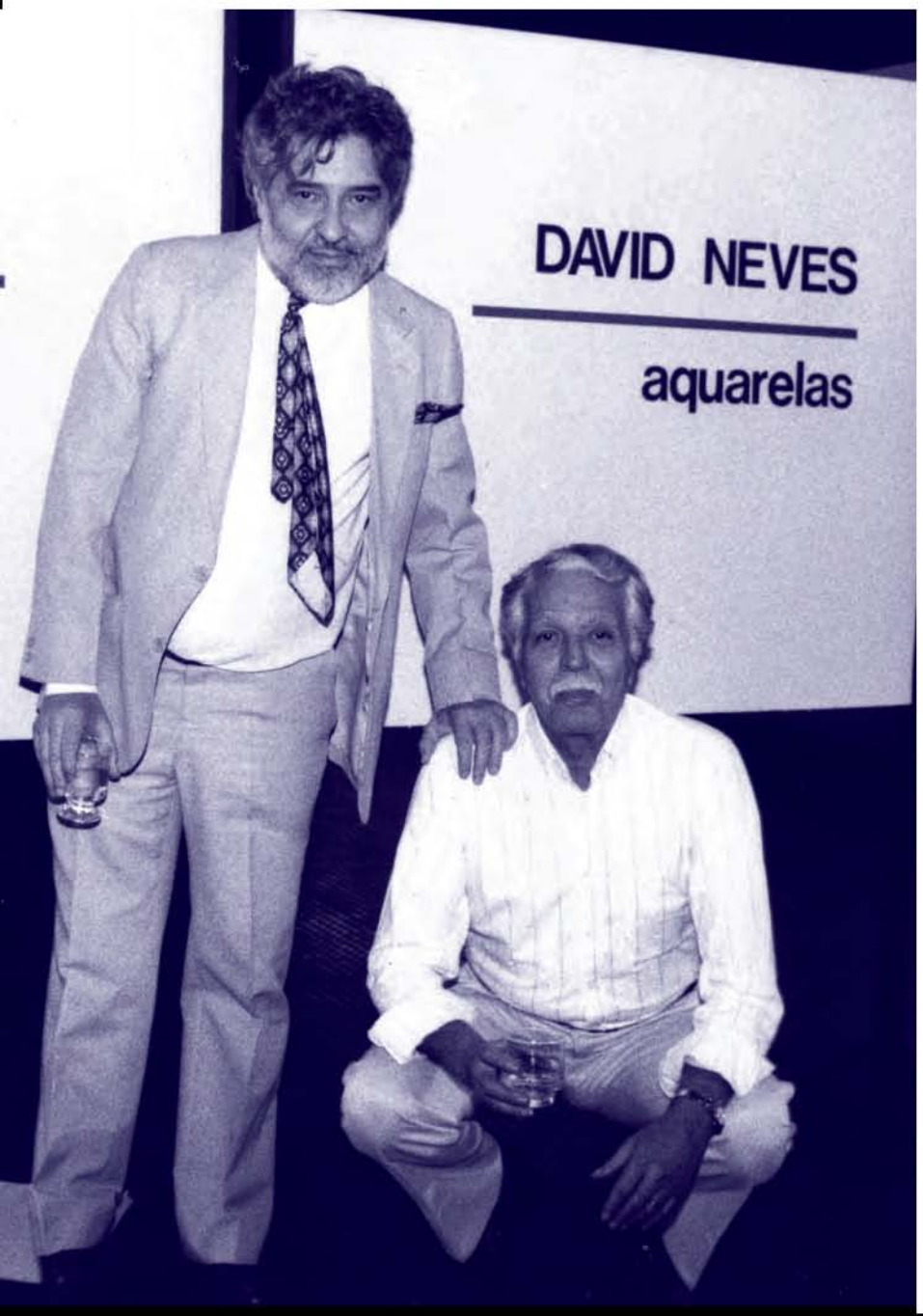
Em setembro de 1988, fui enviado ao NFB para um curso de especialização em manutenção de lentes cinematográficas, direcionado aos modelos então existentes na EMBRAFILME. Esse treinamento, de três meses, foi muito importante, tanto no âmbito de aulas práticas nas oficinas do NFB, sobre os diversos modelos de lentes, como no de pesquisas que posteriormente realizei, estudando a literatura sobre funcionamento de câmeras, projetores e lentes. No Canadá, visitei fábricas de lentes e fui a várias exposições de fabricantes de equipamentos, entre as quais, a Society of Motion Picture and Television Engineers (SMPTE), que ocorreu em Nova York, naquela época.

Na verdade, esse aprendizado teve início já no Brasil nas oficinas de manutenção do CTAv, onde eu trabalhava como prestador de serviços, por indicação do Marcelo Marsilac. Foi aqui mesmo que travei os primeiros contatos com o professor Helmut Werner, que foi o meu instrutor no Canadá.

A experiência, profissional e cultural, adquirida no curso deu um ponto de partida à vontade de estar continuamente se atualizando com as novas tecnologias que surgem a cada momento. E o mais importante é saber que o conhecimento lá adquirido, foi e vem sendo repassado à instituição e aos usuários do CTAv.

Após 17 anos de minha estada no Canadá, fica patente a necessidade de se continuar a investir em novas tecnologias e no aperfeiçoamento técnico visando a melhoria da qualidade dos serviços que prestamos ao cinema cultural, que é o foco do CTAv.

Aloísio Gonzaga, é técnico em equipamentos cinematográficos, trabalha no CTAv desde 1987.



David Neves (à esquerda) e Zeca Mauro

Em 1982, o hoje Ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim, então diretor geral da EMBRAFILME, conseguiu junto com a compra do satélite BrasilSat 2, no Canadá, um Acordo de Repasse de Tecnologia para o cinema brasileiro.

Um ano depois, em 1983, Carlos Augusto Calil assumiu a direção geral da EMBRAFILME e começou a planejar, junto com Vera Zaverucha, a criação do CTAv. No início participaram os colegas Walter Carvalho e Lauro Escorel.

Em 1984, eu havia retornado ao Brasil vindo de Nova York, onde vivia desde 1970.

O Calil me convida para assumir o projeto do CTAv e o Acordo de Repasse de Tecnologia com o National Film Board of Canada (NFB).

Assumi o cargo de Superintendente Técnico da EMBRAFILME e passei a me relacionar com o Marcel Carrière, diretor técnico do NFB, e sua equipe, para planejar e construir os núcleos de animação, estúdio de mixagem, laboratório fotográfico, núcleo de preservação de matrizes e oficina de câmeras.

Ao mesmo tempo selecionamos um grupo de profissionais que foram para o NFB, em Montreal, para serem treinados em suas especializações por dois anos, retornando depois, para ensinar o aprendido no Brasil.

Foram eles: Osvaldo Emery (acústica), Cesar Elias (câmera), Paulo Jacinto dos Reis (controle de qualidade), Patricia de Fillipi (conservação de matrizes), Marcos Magalhães (animação), Edwaldo Mayrink (engenharia de som), Marcelo Marsillac (engenharia mecânica e animação), Roberto Leite (mixagem), Ismael Cordeiro (gravação de som), Virginia Flores (edição), Aloísio Gonzaga (mecânica de precisão) Luiz Lima (mixagem), Marcos Martins (mecânica de projetores), Lúcia Modesto (computação gráfica) e Márcio Meirelles (eletrônica de projeção).

Naqueles dois anos, enquanto nossos colegas estavam sendo treinados no exterior, montamos toda a infra-estrutura técnica dos núcleos e a operacionalidade do CTAv, com a colaboração de Vera Zaverucha, Claudia Braga, Kitinha, Ana Pessoa, Lucia Lobo e Zeca Mauro.

Em 1986, o CTAv ficou pronto e logo que inaugurado passou a servir à comunidade cinematográfica, principalmente aos curtas-metragistas e estudantes. Desde então, o CTAv co-produziu cerca de 150 curtas, 30 filmes de animação por ano e apoiou longas-metragens de estreantes, além de palestras e seminários técnicos.

Foi também nessa época, que o CTAv, junto com a ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, elaborou a primeira normatização para a Projeção Cinematográfica no Brasil, a NBR 12237 - projetos e instalações de salas de projeção cinematográfica.

Com o sucesso do projeto, assumi o cargo de Diretor de Assuntos Culturais da EMBRAFILME na gestão de Francisco Ghignone, e logo depois, o então ministro da Cultura, Celso Furtado, me chamou para planejarmos a Fundação do Cinema Brasileiro, (FCB) instituição que passaria a cuidar das responsabilidades de Estado junto a todo o cinema nacional: resgate histórico, restauração de matrizes, apoio às universidades, às cinematecas, além de tudo que se fazia no CTAv.

Presidi a FCB até 1990, quando o desastroso governo do presidente Collor terminou com a EMBRAFILME e a FCB, destruindo mais de 50 anos de arquitetura institucional do cinema brasileiro, que começara com Humberto Mauro e a fundação do INCE. O CTAv resistiu a tudo isso e vive até hoje.

Com o nascimento e o rápido desenvolvimento dos processos digitais na cinematografia mundial, urge que nossas atuais autoridades governamentais apóiem o CTAv, para que ele possa se reequipar e voltar a disseminar essas novas técnicas em nossa comunidade cinematográfica.

Affonso Beato, ASC, ABC, é diretor de fotografia com mais de 40 anos de experiência no Brasil e no exterior. Foi superintendente técnico da EMBRAFILME e presidente da Fundação Cinema Brasileiro (FCB). Reside desde 1970 nos Estados Unidos.

Algumas pessoas sonharam e ajudaram a conceber e criar o CTAv. Eu convivi com algumas delas. Carlos Augusto Calil foi quem primeiro me fez vislumbrar o sonho do CTAv e me indicou para trabalhar com Affonso Beato na preparação do que viria a ser o Acordo de Cooperação Técnica Brasil/Canadá e no projeto do novo prédio na Avenida Brasil.

Com entusiasmo e paixão de vários o sonho se tornou possível. Os responsáveis mais diretos nessa ocasião foram Calil (Brasil) e seu par canadense (Marcel Carrière). A gestão do Acordo ficou a cargo de Affonso Beato, com quem passei a trabalhar em período integral. As regras da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e as regras brasileiras para o cumprimento do acordo eram muito bem delineadas e cada parte era responsável por etapas claramente definidas.

Enquanto iniciávamos o processo de seleção para o envio dos primeiros brasileiros para o estágio de nove meses no National Film Board, também começávamos a construção do prédio do CTAv. Nessa etapa, entre outros sonhadores, devo mencionar a inestimável presença do Martins (antigo motorista da diretoria que era "pau-pra-toda-obra" durante o período das obras). Até as árvores foram plantadas pela equipe, que conseguiu vislumbrar um avanço tecnológico no cinema brasileiro.

Com os *golden boys* já no Canadá, as obras prosseguiram. O cinema de animação, sob a batuta de Marcos Magalhães, começou a funcionar com uma jovem equipe de animadores e uma câmera de animação em pleno funcionamento, depois com o estúdio de som também em perfeito estado, tudo parecia uma fábrica de possibilidades cinematográficas. Dezenas de brasileiros e canadenses, indo e vindo, deram vida ao que se tornou o Centro Técnico/Tecnológico Audiovisual brasileiro. Até mesmo a criação da ABC, por esforços do Affonso e do Lauro Escorel, entre vários outros fotógrafos, teve seu embrião dentro do CTAv.

Novas idas e vindas (dessa vez políticas) acabaram por tornar o prédio do CTAv a sede da Fundação do Cinema Brasileiro e eu, pouco depois de voltar do estágio no NFB acabei indo para São Paulo onde participei de um novo sonho do Calil, o início das mobilizações para a instalação da Cinemateca Brasileira no antigo Matadouro Municipal.

Seria impossível listar os nomes de todos os responsáveis, diretos e indiretos, pela concretização desse sonho. Tenho certeza de que todos os que participaram de sua formulação e construção têm boas lembranças e não se arrependem por um minuto dos esforços e das lutas.

Heloísa Vilela, Kita Xavier ou Kitinha, foi chefe do DETEC da EMBRAFILME e, posteriormente, coordenadora do projeto do Acordo Brasil-Canadá.

Heloísa Vilela (Kitinha)

Juntei-me ao CTAv praticamente por acaso. Participava de um seminário sobre acústica ministrado pelo Serge Melanson, arquiteto canadense que fazia o projeto de acústica dos novos estúdios do CTAv. Desta participação surgiu um convite do Affonso Beato para trabalhar no CTAv, a princípio temporário, mas que dura até hoje.

Participei da terceira leva de estagiários brasileiros no Canadá, trabalhando com o mesmo Serge Melanson, na época consultor do NFB, em projetos de estúdios, salas de projeção e outros ambientes de cinema. Depois, já totalmente envolvido com o cinema, busquei mais formação. Fiz mestrado, doutorado e também estágio na Comissão Superior Técnica da Imagem e do Som (CST), na França.

Para mim, o grande diferencial do CTAv foi a possibilidade da convivência entre técnicos de praticamente todas as áreas do cinema, da captação de som e imagem, até a preservação, passando por edição, montagem, mixagem, projeção etc. Isso permitiu a convivência entre profissionais com formações, experiências, abordagens e pontos de vista distintos que, nessa convivência, descobrimos ser complementares.

Havia, ainda, na formação do CTAv, a excitação e o desafio de estarmos envolvidos em algo novo, que até então não tinha sido feito da forma em que estava sendo proposto. Não eram apenas as instalações e os equipamentos que estalavam de novos; as expectativas e as possibilidades também. Essa experiência, esta sensação de pioneirismo, marcou profundamente a mim e, estou certo, a todos que participaram da fase inicial do CTAv.

Realizamos muito no CTAv. Foram filmes, serviços, consultorias, publicações, normas, cursos, seminários e muitas outras atividades direcionadas a profissionais e instituições culturais de todo o Brasil. São mais de vinte anos nos quais o país mudou muito (em alguns momentos para pior) assim como a própria tecnologia do cinema, cada vez mais digital e distante daquela que existia no início do CTAv.

Apesar de tudo, o CTAv fincou raízes e lançou sementes. Pelo que foi feito, pelo que ainda existe e por tudo que ainda se pode fazer, certamente a aventura não foi em vão.

Osvaldo Emery, arquiteto, funcionário do CTAv desde 1987

Obrigada pelo convite de participar dessa rememoração coletiva, onde cada um conta um pedaço, para formar, ao fim, um quadro muito amplo do processo todo de construção e implantação desse visionário projeto de um centro tecnológico de cinema no Brasil.

Espero que o próprio Carlos Augusto Calil dê seu depoimento, pois foi quem conduziu minuciosamente todas as etapas entre a idealização e a inauguração do Centro. Apesar de integrar sua assessoria na Embrafilme nessa época, minhas atribuições eram justamente as de liberá-lo da rotina para avançar nos inúmeros formulários e articulações exigidas por uma iniciativa dessa envergadura.

Isso porque a gestão do projeto, em meio à oportunidade de acordo com o National Film Board, a partir de saldo nas relações de cooperação Brasil-Canadá, foi muito intricada e extenuante e sua condução exigiu muita determinação pelo Calil, que contou com a generosa receptividade do NFB.

Muitas pessoas colaboraram para a concretização do projeto, tanto funcionários, como a Lúcia Mello, assistente dele para o projeto e Heloísa Xavier (Kitinha), como profissionais, como Affonso, Eduardo Vilela, Lauro Escorel, Antonio Luís, Marcos Magalhães, Carla Esmeralda, a arquiteta Cinthia Gorham e o Martins, dublê de motorista e mestre-de-obras e, por fim, o guardião do edifício. Perdoem-me as inevitáveis omissões!

Tinha-se já naquele momento alguma experiência de projeto de capacitação técnica, por conta de um projeto com a CAPES. A questão da formação profissional naquela época estava reduzida a escassos centros acadêmicos (acho que só USP, UFF e UNB), carentes de meios para o ensino de técnicas e tecnologia de ponta. O que se quis com o CTAv foi o estabelecimento de um centro que irradiasse o pensamento tecnológico, seja por meios de projetos de capacitação e aperfeiçoamento, com cursos isolados e em parceria com as universidades, como com ações de articulação com os segmentos profissionais do cinema (técnicos, estúdios e laboratórios) e de outras áreas tecnológicas afins.

A montagem da infra-estrutura, que implicou na reforma de um antigo armazém da merenda escolar, estava afinada com esse propósito de discussão tecnológica. Claro que havia a intenção de se aperfeiçoar a infra-estrutura de apoio à produção, herdada do INCE, mas a intenção era que a produção fosse uma área aplicada do aperfeiçoamento técnico profissional.

Esse ideário original do CTAv, como costuma acontecer, não chegou a ser plenamente implantado, e vertentes como a normalização de procedimentos técnicos, tradução e elaboração de manuais, programa de formação, só conseguiram ser timidamente esboçadas, antes da destruição provocada pela intervenção do Governo Collor na área pública. Sobre as expectativas do CTAv, a partir do Acordo com o Canadá, é fundamental ouvir também Heloisa Vilela (Kitinha), que inclusive integrou o grupo que estagiou no NFB.

O CTAv passou por uma grande transformação quando cedeu seu espaço físico e institucional para a Fundação do Cinema Brasileiro (FCB), um órgão desenhado para liberar a EMBRAFILME das funções culturais, antes desempenhadas pela Diretoria de Operações Não Comerciais (Donac), depois Diretoria de Assuntos Culturais.

Participei intensamente do processo, e ocupei a diretoria de projetos e desenvolvimento institucional. Como se sabe, a FCB foi dirigida inicialmente por Affonso Beato e, em seguida, por Ruy Solberg, e teve pouco mais de dois anos de vigência. Apesar de muito bem modelada, a Fundação não teve tempo de se constituir plenamente, pois foi um dos órgãos extintos pelo Governo Collor.

Com o meu afastamento da área audiovisual a partir desse momento, não posso contribuir com segurança sobre os desdobramentos do CTAv a partir daí. Mesmo assim, não posso deixar de registrar um desalento com a possibilidade das instituições públicas conseguirem, por força das oscilações inerentes ao campo político, garantir a continuidade de investimentos necessários a um centro tecnológico.

Acho que uma parceria externa seria essencial para assegurar a capacidade de renovação dos equipamentos e a qualidade de seu desempenho nas funções de divulgação e repasse tecnológico. Mas como articular isso a partir de um país não produtor de tecnologia audiovisual? Eis a questão. Tenho expectativas de que o Silvio Da-Rin, que participou, no passado, do programa com a CAPES, aceite o desafio e proponha com vigor a revisão da função institucional do CTAv e de seu modelo de gestão.

Ana Pessoa atuou como diretora de projetos da EMBRAFILME e FCB. Atualmente é Diretora do Centro de Memória e Informação da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Uma parceria de futuro

No governo Figueiredo, o Brasil firmou contrato para aquisição de um satélite canadense. Como é de praxe nesses casos, ambos países comprometeram-se a desenvolver programas de cooperação técnica e cultural. Com a cumplicidade positiva do Itamaraty, especialmente dos diplomatas Edgard Telles Ribeiro e Sérgio Arruda, a oportunidade foi oferecida ao cinema brasileiro. Foi nesse quadro que surgiu o projeto do Centro Técnico Audiovisual, proposto pela Embrafilme ao National Film Board do Canadá. O título visionário antecipava a futura convergência de mídias.

Sua constituição baseava-se em três eixos simultâneos de atuação, agregando e harmonizando as funções de:

Centro de excelência tecnológica,

Centro de formação profissional e de

Centro de produção de filmes de animação.

As condições eram favoráveis. Nosso cinema precisava urgentemente de uma referência no campo técnico da sonorização de filmes; não dispúnhamos de uma sala de mixagem no Rio de Janeiro que reproduzisse a acústica da sala de projeção. Não havia investimento na formação de quadros técnicos (manutenção de equipamentos, de lentes, de captação de som etc.). E no âmbito do programa Capes/Embrafilme, Marcos Magalhães, após certa insistência, acabou por ser aceito num estágio em Montreal, na sede do NFB, onde conviveu com os melhores animadores, incluindo o já lendário Norman McLaren, e lá realizou Animando, um dos mais criativos filmes de estudante jamais feitos.

Em maio de 1982, Meow, pequena jóia do jovem e cabeludo Marcos, conquistava o prêmio de curta-metragem do Festival de Cannes. A premiação, defendida com ardor por Geraldine Chaplin no júri do Festival, chamou a atenção da imprensa internacional para o emergente talento da nova geração de animadores brasileiros. O prêmio, para os canadenses, serviu de indispensável aval artístico ao programa de cooperação.

O progressivo engajamento dos técnicos do NFB, embalado pelo sucesso contagiante das primeiras experiências de aproximação, foi decisivo para a fixação do investimento estrangeiro: 700 mil dólares canadenses, a fundo perdido. Pressupunha uma contrapartida brasileira, não necessariamente expressa em investimento financeiro. Esta se deu pela apropriação de um edifício do Ministério da Educação, situado na avenida Brasil, em Benfica, e pelas obras necessárias à sua adaptação às novas funções.

O conjunto passou a abrigar, em melhores condições, o acervo humano, técnico e fílmico do Departamento do Filme Cultural, remanescente do Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde Humberto Mauro trabalhou por trinta anos. Esta medida não deixava de ter seu valor simbólico: INCE e NFB eram instituições de governo datadas do decênio de 1930, criadas com os mesmos objetivos.

O programa de cooperação tomou forma. Montreal recebia nossos bolsistas enquanto se construía na avenida Brasil um estúdio de mixagem em padrões internacionais, com projeto canadense. O programa de formação reunia no Rio de Janeiro jovens de todo o país interessados em desenvolver animação em suas regiões, em centros regionais articulados com o Núcleo de Animação do CTAv, a cargo de Marcos Magalhães. Foram criadas unidades em Fortaleza, Belo Horizonte, Porto Alegre entre outras.

Em 1985 sobreveio o fim do regime militar. O governo da Nova República teve dificuldade de engrenar, após o inesperado desenlace da doença do presidente Tancredo Neves. A diretoria da Embrafilme ficara reduzida a um só diretor, que teve de lidar com credores de dívidas de 33 milhões de cruzeiros. Nesse momento assumiu a direção do CTAv o experiente e reconhecido fotógrafo Affonso Beato.

A crise da Embrafilme nunca foi superada, apesar do socorro financeiro do governo federal para aliviar a pressão dos credores. As condições políticas de sua sustentabilidade institucional eram muito desfavoráveis e sua capacidade de atuação no mercado tinha se reduzido drasticamente. A partir de 1987 a empresa navegou sem rumo até a sua extinção inexorável.

Nesse final, houve uma tentativa do Ministério da Cultura de salvar o CTAv pela sua transformação em Fundação do Cinema Brasileiro. Mas o órgão não vingou, e nem chegou a dispor de orçamento próprio. Afundou no mesmo torvelinho da Embrafilme e arrastou consigo a esperança de uma atuação governamental livre da política predatória dos financiamentos à produção.

Uma pena, mas a semente germinou a seu modo. Um festival como Anima Mundi não teria lugar entre nós não fosse a experiência vivida pelos seus organizadores na implantação do Centro Técnico Audiovisual. Retomar as parcerias nacionais e internacionais, sua vocação para a promoção do filme de animação e a formação técnica profissional em alto nível são linhas de atuação do CTAv não superadas pelo tempo. Quem sabe agora?

Carlos Augusto Calil foi diretor e presidente da EMBRAFILME (1979 a 86), diretor da Cinemateca Brasileira (1987-92), diretor do Centro Cultural São Paulo (2001-2005). Desde 1987, é professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da USP. É autor de documentários e dezenas de publicações sobre cinema, teatro, história e literatura. Atualmente é Secretário Municipal de Cultura de São Paulo.

Quando o Carlos Augusto Calil, então titular da Diretoria de Operação Não-Comerciais (DONAC), da Embrafilme, me chamou para trabalhar no projeto do Centro Técnico Audiovisual, devíamos estar entre anos 1983 ou 1984. Eu trabalhava na Diretoria Tecnológica (DITEC), na Praça da República, centro do Rio, onde trabalhava Zeca Mauro com sua Michell, que filmava quadro-a-quadro e que com ela todos os trabalhos de truca eram realizados. Na época, alguns filmes eram montados, quase que às escondidas, num momento ainda de repressão.

Fiquei responsável por acompanhar as obras do CTAV. Lembro que a primeira vez que entrei no prédio, a poeira subia pelas narinas. Uma arquiteta, Cynthia, estava contratada para trabalhar na restauração do prédio. Acompanhei cada uma das decisões sobre onde colocar as tomadas, as mesas, armários... a autorização de aumento de carga elétrica, a porta para que os equipamentos pudessem ser carregados e descarregados direto do estacionamento, a segurança dos equipamentos de ar condicionado em função da favela, entre muitos outros detalhes.

Antonio Luiz, Walter Carvalho, Marcos Magalhães, Affonso Beato. Todos para construir um centro de excelência, com um estúdio de som de primeira qualidade; a possibilidade de passarmos a ter um forte núcleo de animação e; óbvio, um centro que pudesse recuperar negativos e armazenar, em condições ideais, os negativos de Humberto Mauro, o material de arquivo do Programa CINEMATECA, entre outras preciosidades. Isso tudo com recursos do imposto pago em função da compra de um satélite comprado do Canadá. Transferência de Tecnologia.

Carlos Augusto Calil assina o acordo com o National Film Board que entrava com 2/3 dos recursos e o Brasil com 1/3. Era preciso, então, conseguir esses recursos. O prédio era parte da nossa contrapartida. Descobrimos uma câmera Oxberry do Ministério da Agricultura, descobrimos moviolas verticais e outros equipamentos, como câmeras e lentes. Havia o equipamento da DITEC. Incorporamos tudo ao prédio da Av. Brasil. A Oxberry foi recalibrada por um engenheiro canadense, as câmeras foram para a fábrica para revisar, a mesa de som chegava do Canadá.

Um estúdio totalmente flutuante tinha sido construído no meio do prédio em plena Av. Brasil. Os meninos que foram estagiar no National Film Board voltaram e, em 1985, foi inaugurado o CTAV. Aquilo que era um departamento da EMBRAFILME, do qual fui chefe, acabou se transformando em Fundação do Cinema Brasileiro, onde fui diretora, junto com Ana Pessoa e Affonso Beato e depois Ruy Solberg. Com a vinda do Collor, o CTAv passa novamente a condição de um departamento, não mais de uma instituição que cuidava apenas da atividade cinematográfica, mas de outra (FUNARTE) que tinha em entre suas atribuições o teatro, a música, o folclore e o cinema. Agora, no Ministério da Cultura, como parte da SAV, mas ainda com estrutura não independente.Naquela época, plantamos as árvores que hoje estão altas, tão altas como o muro que separa a favela do prédio. Estão lá as árvores, está lá o CTAv, esperando para reviver!

Vera Zaverucha foi coordenadora do CTAV, diretora de operações e coordenadora de produção da Fundação do Cinema Brasileiro, e assessora da diretoria geral e da presidência da Embrafilme. Ex-secretária do Audiovisual e especialista em legislação de cinema, foi de 2002 a 2007 (março), assessora chefe do Diretor Presidente da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) , sendo atualmente Superintendente de Acompanhamento de Mercado daquela instituição. Autora do livro Lei do Audiovisual passo a passo (1996).

Roberto Leite, o melhor estúdio de mixagem do país

Em 1986, Affonso Beato, então superintendente do CTAv, conhecedor da minha experiência na área de mixagem de som, fez o convite para eu trabalhar na instituição, mas com a condição que fosse fazer uma especialização de um ano no Canadá.

Foi uma decisão difícil porque eu já tinha toda a minha vida profissional estruturada aqui no Rio. Trabalhava em dois ou três estúdios, em televisão, enfim, já tinha um espaço no mercado.

Ir naquele momento para o Canadá com uma bolsa de estudos, implicava numa mudança de vida radical. Fiquei adiando essa decisão até um ponto que não deu mais. O Affonso me chamou e disse: "ou você vai agora ou nunca". Fui, então, para Montreal, mas sob a condição de ficar por lá três meses apenas e, apesar de o período de treinamento ter sido curto, foi uma experiência muito positiva.

Quando voltei em 1987, o estúdio já estava sendo montado pela turma que no ano anterior havia estagiado no National Film Board. Fiquei responsável pela parte de som e mixagem. Meu primeiro trabalho foi a mixagem do episódio final de Imagens do Inconsciente, filme do Leon Hirszman. Seguiram-se três anos de muito trabalho, mais de uma centena de filmes.

A entrada do CTAv no mercado provocou, de fato, muito ruído. Houve protestos de muitos estúdios por termos nos transformado num centro de excelência, de primeira qualidade. Éramos e ainda somos um dos melhores estúdios de som do Brasil. A conseqüência posterior dessa prestação de serviço qualificada pelo CTAv foi que muitos estúdios tiveram que investir, reequipar, e se qualificar.

Quando o Collor assumiu a presidência da República, um dos seus primeiros atos, foi extinguir as fundações culturais, entre elas a Fundação Cinema Brasileiro, a quem o CTAv estava subordinado. Pairou sob nós a ameaça de também se fechar o CTAv, o que era um absurdo, pelo investimento feito em equipamentos e pessoal.

Fizemos uma grande mobilização com a classe cinematográfica até envolvendo o governo do Canadá, que era o nosso principal parceiro. Felizmente, conseguimos deter essa ameaça e seguir trabalhando, até muito mais, porque o cinema brasileiro vivia um período de estagnação.

Nos anos posteriores o CTAv passou por vários (re)enquadramentos administrativos (IBAC, FUNARTE) e isso prejudicou sua atualização técnica por carência de recursos para o necessário *up grade* em seus equipamentos. Um centro com as características do CTAv, necessita de verba própria e celeridade nos processos administrativos de liberação de recursos para que possa acompanhar a crescente e constante renovação tecnológica do mercado audiovisual.

Roberto Leite, técnico de som, há 40 anos na profissão, estima que tenha trabalhado em cerca de 400 filmes brasileiros. Foi diretor do CTAv no período de 1989 a 2002.